

MAGDA SOARES: A PERGUNTA E A BUSCA

MAGDA SOARES: THE QUESTION AND THE SEARCH

Sonia Kramer

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
sonia.kramer@gmail.com

RESUMO

Este ensaio trata do trabalho desenvolvido por Magda Soares, sua relevância teórica e as contribuições para políticas públicas de alfabetização. O foco é a pergunta enfrentada em pesquisas, práticas e políticas de alfabetização, assim formulada por Magda: *Em busca da qualidade em alfabetização... em busca de quê?* A análise prioriza a visão e ação de Magda, a escuta diante de questões, desafios e problemas da prática acadêmica na formulação de políticas e na ação escolar. O primeiro item trata de trabalhos das décadas de 1980 e 1990, destacando a perspectiva social dos conceitos. O segundo situa o contexto onde a pergunta foi feita de viva voz, analisa o texto publicado pouco depois e comenta a pergunta e sua dimensão política. O terceiro fala de como a obra afeta profissionais e projetos dedicados à pesquisa, à docência e à gestão de políticas de alfabetização, leitura e escrita.

Palavras-chave: Magda Soares, Qualidade em Alfabetização, Políticas de Alfabetização, Pesquisa, Práticas.

ABSTRACT

This essay deals with the work developed by Magda Soares, its theoretical relevance and the contributions for public literacy policies. The focus is placed on her challenging question faced in literacy research, practices and policies: In search of quality in literacy... in search of what? The analysis prioritizes Magda's view and action, her listening to issues, challenges and problems in academic practice in the formulation of policies and in school action. The first item deals with her 1980s and 1990s works, highlighting the social perspective of the concepts. The second situates the context in which the question was asked, analyzes the text published shortly after and comments the question and its political dimension. The third talks about how the work affects professionals and projects dedicated to research, teaching and the management of literacy, reading and writing policies.

Keywords: Magda Soares, Literacy Quality, Literacy Policies, Research, School practices.

INTRODUÇÃO

Tudo sobre Magda Soares tem a ver com pergunta, compromisso, atuação. Seus estudos sobre linguagem e escola, as pesquisas, orientações e publicações sobre alfabetização, projetos concebidos e implementados, instituições criadas, as iniciativas de formação na docência e no trabalho científico de todos os níveis, a presença nas políticas públicas de livros didáticos, livros literários, de formação e de gestão - sua obra expressa essa busca.

A extensa, reconhecida e relevante pesquisa desenvolvida no campo da alfabetização e letramento, suas contribuições tanto teóricas quanto práticas, a ação concreta nas políticas públicas e na formação de professoras e professores, abrem inúmeras possibilidades de escrita. A análise apresentada prioriza a posição e atuação de Magda, a escuta sensível diante de questões, desafios e problemas enfrentados na prática acadêmica, na formulação de políticas públicas e na ação escolar. Das muitas perguntas que seus trabalhos levantam, o foco é colocado em uma das mais desafiadoras indagações enfrentadas nas pesquisas, nas práticas e nas políticas públicas: *em busca da qualidade em alfabetização... em busca de quê?*

No que se refere ao gênero discursivo, esse artigo se entende como um ensaio, onde a pessoa que escreve se beneficiou das influências que a obra de Magda exerceu em várias gerações dedicadas à pesquisa, à docência e à investigação científica no campo da alfabetização, leitura e escrita.

O primeiro item sobrevoa alguns de seus trabalhos produzidos ao longo dos anos de 1980 e início dos anos de 1990, com destaque para a perspectiva social dos conceitos propostos. O segundo situa o contexto onde a pergunta em questão foi formulada de viva voz e o texto mais tarde publicado. Ao final, a atualidade da pergunta fica evidenciada, bem como seu compromisso intelectual e a atuação política. Ficam no centro da cena. Da vida.

“UMA PERSPECTIVA SOCIAL”

As pesquisas, conferências e publicações feitas no Brasil nas décadas de 1980 e 1990 ecoavam a urgência da mudança. Vale lembrar – na realidade, nunca esquecer - que se trata de um período da história do país com grande intensidade e mobilização da sociedade brasileira. As lutas contra a ditadura militar - que havia sido imposta em 1964 - e as conquistas políticas, nesse caso a volta das eleições diretas, reabriam possibilidades de projetos, ações, iniciativas. Os trabalhos relativos à justiça social, à democracia e à educação a favor das classes populares haviam sido rechaçados, perseguidos, destruídos. O momento era de busca, de reconstrução, de reinvenção.

A volta de políticos, intelectuais e militantes, Paulo Freire entre os mais importantes no que se refere ao nosso tema, o acesso a autoras e autores - tais como Emília Ferreiro, Lev Vigotski e Mikhail Bakhtin entre outros -, a divulgação de políticas públicas e projetos pedagógicos de alfabetização, leitura e escrita desenvolvidos em outros países e a implementação de políticas de educação propostas por governos municipais, estaduais e federal agora eleitos, delineavam uma configuração promissora para a procura de alternativas teóricas e práticas capazes de mais uma vez enfrentar o analfabetismo no Brasil.

A Constituinte fora aprovada em 1988; o Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990, com um milhão de assinaturas. Eram acirrados os debates em torno da nova lei de Diretrizes e Bases da Educação, que só viria a ser aprovada em 1996.

A pesquisa planejada e concretizada por Magda se situa nesse contexto. Ela inaugura a busca de bases sólidas para a alfabetização em diversos campos do conhecimento, de atuação e produção: nas pesquisas sobre linguagem, leitura e escrita, nas ciências humanas e sociais, na área do ensino de português, na história da educação, na esfera dos livros didáticos, no trabalho na universidade, na gestão da pós-graduação, na formação de pesquisadores, na formação de professoras/es, nas políticas públicas.

Sem abdicar da multiplicidade de áreas e enfoques, fica evidenciada a sua ênfase na dimensão sociológica da alfabetização. Não por acaso, seu livro “Linguagem e escola: uma perspectiva social” (SOARES, 1985a) foi e continua sendo lido em cursos de Sociologia da Educação e Metodologia de Ensino há quase quarenta anos.

Cada uma dessas ações envolveu e engendrou muitas outras. Trata-se de uma educadora, intelectual, pesquisadora que compreendeu antes, mais e melhor que todos nós a importância de se acompanhar o estado do conhecimento sobre a alfabetização no Brasil. Seus textos sobre essa necessidade datam de meados dos anos de 1980 (SOARES, 1985b, 1985c), e, entre outras frentes de trabalho, a própria criação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita/CEALE, no início dos anos de 1990 ofereceu as bases e criou mecanismos institucionais no sentido de sistematizar a produção brasileira na alfabetização, situando, analisando, dimensionando tudo o que era pesquisado e escrito neste campo de tantos campos.

Neste contexto, foram apresentadas no Rio Grande do Sul, em 1984, e um ano depois tornadas públicas, “As muitas facetas da alfabetização” (SOARES, 1985d) texto que é central na análise do conceito de alfabetização, da natureza do processo, dos condicionantes e das implicações educacionais. “As muitas facetas da alfabetização”, com seu foco na perspectiva interdisciplinar do tema em questão, demarcam a fronteira nítida entre o que foi produzido antes e depois, no Brasil, em termos de alfabetização.

A disputa entre métodos, áreas do conhecimento ou entre campos teóricos predominava. Seriam mais eficientes os métodos sintéticos, analíticos ou analítico-sintéticos? Teria maior pertinência a psicolinguística ou a linguística? A sociologia ou a psicologia? De quem seria a hegemonia? Da linguística ou da literatura? E que abordagem mais importava no âmbito de cada área do conhecimento? a psicomotricidade, a psicogenética ou a psicologia histórico-cultural? O texto imprimiu e significou, vale reafirmar, um corte epistemológico por ter engendrado o diálogo entre pesquisadores de diferentes áreas, enfoques, tendências, em que pese outras polarizações – ou falsas dicotomias – que reaparecem anos mais tarde.

Das “muitas facetas”, um ponto a sinalizar. Magda afirma que “*é ainda pouco desenvolvida no Brasil a perspectiva sociolinguística da alfabetização*” (SOARES, 1985d, p. 22). Pode-se dizer que também hoje, apesar do avanço dessa perspectiva, permanece o desconhecimento – ou até o descaso – quanto à dimensão social e cultural da língua, o que traz consequências graves para o ensino, mantendo sobretudo a presença de preconceitos em relação à língua diante da dificuldade das escolas de lidarem com a diversidade, também linguística.

Ainda temos um extenso trabalho no sentido de disseminar a relevância dessa faceta e suas implicações. Não por acaso, observa-se pouca atenção a estudos ou debates sobre políticas de língua no Brasil, não obstante nosso legado histórico e cultural marcado pela diversidade, seja das muitas línguas dos povos originários, das línguas de populações que para cá migraram ao longo dos séculos, e das variações dialetais da língua portuguesa tanto de origem social quanto geográfica. Em decorrência da pouca ênfase à dimensão sociolinguística, de um lado, e da ausência de uma política

de língua, de outro, coloca-se em risco, até hoje, o esquecimento e o desaparecimento de línguas e culturas que constituem nossa identidade plural.

O texto “As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto”, publicado poucos anos depois, (SOARES, 1988) retoma a questão, incitando estudantes e profissionais à discussão e à auto-crítica, convidando-os a pensar a sua prática na e com a língua na escola.

Nos seus textos, pesquisa e sensatez da prática se entrelaçam: a escrita é simples, instigante e imprime expressões que se fazem pergunta, afirmação, exclamação e inúmeras das possibilidades de significação. Esse modo de escrever, trançando as ideias, enraizando-as na pesquisa e escavando as palavras, está presente no “Em busca da qualidade da alfabetização: em busca ... de quê?” (SOARES, 1992). Aqui também, a gravidade e a urgência do problema se mostram de forma transparente. Magda pergunta e responde. Neste, como em outros de seus textos, a pergunta não é retórica ou artifício didático. Vamos a ela.

“EM BUSCA DA QUALIDADE DA ALFABETIZAÇÃO: EM BUSCA ... DE QUÊ?”

A pergunta foi feita por Magda Soares em um auditório lotado da Universidade de São Paulo, no Simpósio sobre “Educação Básica: em busca da qualidade”, realizado durante a VI Conferência Brasileira de Educação, em 1991. As CBEs haviam então completado dez anos de luta em defesa da educação democrática. Eram concebidas, promovidas e organizadas por três instituições educacionais que atuavam naquele momento no Brasil na direção da democratização da educação em todos os níveis: a Associação Nacional de Educação/ANDE, a Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação/ANPED e o Centro de Estudos Educação e Sociedade/CEDES.

Cabe ressaltar que as CBEs tinham um forte significado social, histórico e político. Evocavam historicamente e se vinculavam dialeticamente às conferências da Associação Brasileira de Educação/ABE cuja atuação, nos anos de 1920, convergiu para a elaboração do “Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova”, logo após a conferência de 1932, que defendia simultaneamente a democratização da educação escolar e a modernização de métodos pedagógicos.

Pois bem, que me perdoem leitoras e leitores do presente texto pela aparente digressão dos dois parágrafos acima, mas eles visam compor o cenário e mostrar a efervescência do momento e do lugar. Para além de qualquer intenção ou marca burocrática, as siglas, instituições e pessoas que as integravam e lideravam, procuravam articular nos simpósios, mesas e debates, as políticas, pesquisas e práticas em questão. As análises críticas, os embates de ideias, projetos e propostas percorriam salas, auditórios, cafés e corredores.

A presença de Magda Soares naquele Simpósio explicitou sua posição teórica e sua ação ética e política, no sentido que dão Gramsci (1968) e Bakhtin (1992) a essas dimensões. A pergunta de Magda teve esse entorno. Ela foi feita de viva voz nesse espaço e nesse tempo, publicada no ano seguinte em um livro que reuniu as apresentações daquela VI CBE (SOARES, 1992), e incluída anos mais tarde como capítulo de livro (SOARES, 2008), com alguns ajustes. No entanto, para desenhar o contexto da pergunta de modo ainda mais nítido, importa trazer também ações de gestão empreendidas por Magda. Não são digressões, vale repetir, são o contorno da grandeza da presença de Magda naquele auditório.

O CEALE/Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita, órgão complementar à Faculdade de Educação da UFMG, acabava de ser criado, também nesse ano de 1990. Seu objetivo central: integrar grupos interinstitucionais estavam voltados para a alfabetização e o ensino da língua portuguesa.

Com o CEALE, passamos a contar no Brasil com um grupo de referência institucional para grupos de pesquisa, linhas de pesquisa, com acesso a publicações de revistas e livros voltados à área de alfabetização, ao lado da ênfase na construção de acervos e na formação de equipes de pesquisadoras e pesquisadores, com intensiva colaboração com municípios e estados. E com o governo federal

A mesma busca, a discreta inquietação e a produção exigente em pesquisa, Magda havia trazido para a ANPED, desde 1979, em diversas formas de atuação. O Grupo de Trabalho sobre Linguagem e Educação, criado por sua iniciativa, havia se tornado Grupo de Trabalho de Alfabetização, quando Magda assumiu a coordenação, também em meados em meados de 1980. Ao fazê-lo, conquistou pesquisadores, refez modos de organização e apresentação dos trabalhos, comprometeu a todos nós, muito além da área da alfabetização. O Grupo de Trabalho - agora Alfabetização, Leitura e Escrita - foi transformado com sua atuação.

Entretanto, as contribuições à ANPED - quer dizer, à coletividade de educadores e de pesquisadores da educação organizados - tiveram alcance muito maior do que o Grupo de Trabalho. Mostraram-se em outras frentes: na participação do Comitê Científico, em Sessões Especiais, apresentando trabalhos a convite de outros grupos, debatendo com sociólogos, historiadores, em atividades sobre as licenciaturas, analisando a política científica e a educação, em diferentes contextos, na Comissão de concepção e implementação da Revista Brasileira de Educação, durante a gestão de Neidson Rodrigues como presidente.

E por que lembrar de tudo isso? Porque foram as condições de produção daquele texto de Magda e da pergunta que lhe dá título, motivo e alvo.

Voltemos ao auditório. Ele está lotado, como foi dito antes. Na mesa, localizada em um palco elevado, além de Magda Soares, estavam Ana Luiza Smolka (1992), Zilma de Oliveira (1992), cujas falas tiveram também um forte impacto, e Sonia Kramer (1992) que coordenava a sessão. No público, pesquisadoras e pesquisadores de inúmeras universidades, públicas e particulares, gestoras e gestores de políticas públicas do Ministério da Educação, de secretarias municipais e estaduais, professoras e professores de escolas de todos os níveis, militantes de partidos políticos. De todo o país. A pergunta de Magda tinha os muitos sentidos da política. E convergiam ali inúmeras expectativas. O contexto catalisava a intensidade do texto. Sua relevância.

Mas já é tempo de tratar do texto apresentado naquela VI CBE. Quem sabe se pode assim observar na transcrição ou reescrita de alguns trechos em discurso direto ou indireto a exemplaridade da construção teórica da autora e de sua contribuição na forma e no conteúdo. Além disso, a fala lida do seu texto, naquela mesa, parece manter com seus argumentos e reflexões uma insuspeitada atualidade. Ninguém ali presente imaginaria que cerca de trinta anos depois aquelas questões e sua relevância política estariam de novo no centro da cena.

Logo de início Magda aponta que a questão da qualidade da educação básica “não é, sabemos todos, um tema para nós novo; ao contrário, é tema reincidente, no Brasil, nos debates e na produção científica da área educacional.” (SOARES, 1992, p. 45)¹.

Muito se debate, muito se pesquisa - naquele momento como agora - mas pouco se conclui, diz a autora. E ela sugere que talvez as discussões sobre o tema da qualidade da alfabetização fossem (ou sejam) inócuas porque “essas discussões se desenvolverem em torno da qualidade de um objeto cuja configuração não está definida com suficiente clareza” (p. 45). E se propõe a desenvolver sua reflexão a respeito dessa qualidade.

1 Todas as citações até o final deste item, e as páginas indicadas se referem ao texto de Soares (1992).

As discussões e análises disponíveis se centram, continua Magda, sobre duas perspectivas ou enfoques: buscar “os fatores determinantes da qualidade da alfabetização” ou busca “aferir essa qualidade, por meio da avaliação dos resultados do processo de ensino e aprendizagem da língua escrita.” (p. 46). Nas duas perspectivas, “está sempre presente o pressuposto de que sabemos com clareza a que estamos nos referindo quando falamos em alfabetização.” (p. 46).

Na primeira perspectiva, ela diz, são discutidos fatores responsáveis pela qualidade do processo de ensino e aprendizagem da leitura e da escrita:

a natureza de paradigmas curriculares e metodológicos, a interferência de fatores intra e extra-escolares na aquisição da língua escrita; a adequação ou inadequação do equipamento escolar e do material didático de alfabetização; a competência ou incompetência do professor alfabetizador; a definição do tempo de aprendizagem necessário para o domínio da leitura e da escrita (p. 46).

A análise prossegue. Neste caso, de acordo com Magda, o problema da qualidade da alfabetização é enfrentado com propostas de intervenção que atuam sobre esses fatores, seja com a mudança de métodos ou currículos, com serviços extra-escolares de alimentação ou saúde, com distribuição de material didático ou programas de formação. (p. 46).

Sem pretender discutir se tais propostas são ou não pertinentes, Magda enfatiza então que elas têm como pressuposto a clareza do que as crianças devem conhecer, aprender, adquirir “para que sejam consideradas ‘alfabetizadas’, de modo que o problema se configura como sendo o de identificar e promover as condições que conduzam de forma satisfatória a esses conhecimentos, a essas aprendizagens, a essas habilidades.” (p. 46).

A mesma suposição orienta a segunda perspectiva, quando a qualidade é discutida no que se refere à avaliação dos resultados da alfabetização. E, Magda acrescenta, “Essa avaliação de resultados se faz ora em termos da produtividade do processo, ora em termos da natureza e do nível dos conhecimentos e habilidades adquiridos ao término dele.” (p. 47).

Enquanto no primeiro caso a qualidade é analisada em função de índices de exclusão, evasão, repetência, ou seja, em função do nível de atendimento à demanda (absorção, pelo sistema escolar, das crianças em idade escolar), ou pela de satisfação dessa demanda (índices de aprovação e permanência na escola), no segundo caso – naquele “avalia-se o desempenho da criança em comportamentos de leitura e escrita, e considera-se esse desempenho como indicador do grau de qualidade do processo de alfabetização.” (p. 47).

Contudo, ainda que reconheça a importância dessas perspectivas, para Magda elas ocultam o ponto essencial da questão: “Esse ponto essencial, fundamental que habitualmente não emerge nas discussões sobre a qualidade da alfabetização, pode ser apreendido através de uma análise léxico-semântica da palavra ‘qualidade’.” (p. 47).

A autora percorre então as veredas - quer dizer, os verbetes - do dicionário, tanto no momento da fala quanto no texto publicado. Em uma acepção, “a qualidade da alfabetização são as propriedades, os atributos, as condições dessa ‘coisa’ que denominamos ‘alfabetização’, propriedades, atributos e condições que determinam a sua natureza.” (p. 48). Isso permite tanto responder à pergunta “o que é alfabetização”, como permite também diferenciar alfabetização de escolarização, alfabetização de leitura ou de escrita etc. Já para a segunda acepção, “avaliar a qualidade da alfabetização é avaliar as propriedades, atributos, condições da alfabetização, (...) para aprová-la, aceitá-la ou recusá-la.” (p. 48).

Nesse sentido, após a análise das definições e dos significados, a autora afirma que “é preciso reconhecer que determinar as propriedades, os atributos, as condições que constituem a qualidade da alfabetização é tarefa extremamente difícil.” (p. 51). Primeiro, porque “o alfabetismo – que a alfabetização persegue – é uma variável contínua, e não discreta (...) não havendo um ponto específico, em uma escala única, que possa separar os alfabetizados dos analfabetos.” (p. 49). A segunda razão dessa dificuldade “é a diversidade dos conhecimentos e habilidades que constituem o alfabetismo, e os diferentes graus de complexidade desses conhecimentos e habilidades.” (p. 50).

Daí as indagações se sucedem. “Quais habilidades e usos constituem as propriedades, atributos e condições da alfabetização? Quais ultrapassam a alfabetização, e são propriedades, atributos e condições de uma qualidade do alfabetismo?” (p.50).

Magda alerta que “Não há uma única resposta.” (p. 50). E justifica porquê.

as propriedades, atributos, condições que constituem a qualidade da alfabetização ou do alfabetismo dependem do contexto histórico, social, econômico, político, cultural, educativo em que essas práticas ocorrem” assim, em países do Primeiro Mundo, o significado de alfabetismo e de analfabetismo, de analfabeto e de alfabetizado é fundamentalmente diferente do significado que esses mesmos termos têm num país do Terceiro Mundo. O grande problema que países como Estados Unidos, a Inglaterra, a França declaram enfrentar, hoje, com a qualidade da alfabetização é o número de indivíduos (considerado grande) que, após vários anos de escolaridade, tendo quase sempre completado o ensino fundamental, não possuem determinadas habilidades de leitura e escrita, encontram dificuldades em fazer certos usos da leitura e da escrita em situações sociais específicas. (...) O nosso problema, em países do Terceiro Mundo, com a qualidade da alfabetização é, evidentemente, outro: o nosso problema é que todos aprendam a ler e a escrever, é que todos possam fazer uso da escrita e da leitura, ainda que apenas para escrever ou ler ‘um bilhete simples’. (p. 50-51)

Outras questões são levantadas na fala e no texto. Algumas se referem à compreensão do que é alfabetização: ora se atribui a ela um conceito demasiado amplo, ora um conceito muito restrito. Outras evocam e consideram a relatividade de propriedades, atributos e condições da alfabetização também em um mesmo país, considerar a diversidade regional. A conclusão foi/é então sintetizada naquele texto e naquele contexto. Os longos parágrafos transcritos abaixo se justificam pela importância da conclusão, da ordem da política.

Não considerar, nas discussões sobre a qualidade da educação, a sua relação de dependência com o contexto histórico, social, político, cultural, educativo, tem tido como consequência a discriminação que acaba ocorrendo entre escolas que servem a classes sociais diferentes, ou a regiões diferentes, ou a grupos sociais diferentes. Podem-se identificar duas causas para essa discriminação. Primeira: a linha divisória entre alfabetizado e analfabeto é traçada em diferentes pontos do continuum que é o alfabetismo, em função do estrato social a que pertence a criança, ou da região em que vive, ou de outras características (sexo, cor, raça etc.), o que beneficia uns e penaliza outros, resultando em injusta subescolarização, ou subalfabetização, de certos grupos sociais e regionais. Segunda: a linha divisória é traçada num mesmo ponto para todos, o que, da mesma forma, beneficia uns e penaliza outros, resultando em exclusão, evasão, repetência de certos grupos sociais e regionais, consequência de a escola desconhecer as relações entre o contexto em que vivem esses grupos e o acesso à escrita” (p. 52).

“De tudo isso, o que se pode concluir? Magda pergunta. E em seguida ela mesma responde: “São duas principais conclusões”. (p. 52).

Pode-se concluir, em primeiro lugar, que uma discussão sobre a qualidade da alfabetização tem de buscar, primordialmente, uma determinação de propriedades, atributos, condições do alfabetismo que devem caracterizar a alfabetização, ou a criança alfabetizada. Ou seja, uma determinação da “coisa” de que estamos falando, que estamos buscando, quando falamos em qualidade da alfabetização, quando buscamos qualidade em alfabetização. (p. 52).

E, em segundo lugar, pode-se concluir que uma discussão sobre a qualidade da alfabetização tem de conduzir, fundamentalmente, a uma tomada de posição em relação à universalização ou particularização das propriedades, atributos, condições que devem constituir a alfabetização: serão os mesmos para todos? Serão diferenciados segundo o contexto de cada grupo? (p. 52-53).

Uma e outra conclusão propõem questões que são essencialmente ideológicas e políticas, e apenas secundariamente são questões técnicas; ao constituir a “coisa” que para nós será a qualidade da alfabetização, determinando-lhe as propriedades, atributos, condições, estaremos constituindo um objeto marcado historicamente, socialmente, culturalmente – portanto estaremos agindo ideologicamente e politicamente; e ao decidir se a todos será dado o mesmo, ou a cada um, segundo as características de seu contexto de vida, estaremos nos aproximando ou nos afastando da justiça social – portanto, e de novo, estaremos agindo ideologicamente e politicamente. (p. 53).

Ao fechar a apresentação e o texto, Magda propõe “uma resposta para a pergunta que constitui o título desta exposição: em busca da qualidade em alfabetização – em busca de uma ideologia e de uma política para a alfabetização da criança brasileira. É o que nos falta”. (p. 53).

Este é o ponto central. Em países como o nosso, o problema não é só de alfabetização, mas também de alfabetismo, de letramento (literacy, literacia), pode-se incluir aqui, conceito que Magda Soares assumiria e desenvolveria um pouco mais tarde, mas que não constava naquela sua fala original.

A pergunta e a resposta reverberam. Quanto de alfabetização, de leitura e de escrita, de alfabetismo, de letramento, de inserção na cultura escrita, de conhecimento, se pretende dar à população? Quantos se pretende incluir no projeto de educação para a democracia: todos ou poucos? Todos e todas ou parte do todo? E quanto para as diferentes escolas, localidades, regiões, raças, etnias, classes sociais? Quanto conhecimento de alfabetização, leitura e escrita, de literatura é direito de todas as pessoas, da população? Quanto de acesso se dará?

A resposta a esse ‘quanto’ é uma decisão que orienta políticas públicas não só de educação, mas também de cultura, saúde, assistência, transporte, habitação.

Foi assim que compreendi naquele momento a fala de Magda e reitero essa compreensão no momento em que escrevo esse texto. Foi assim, a meu ver, que o público ali presente afirmou nas palmas e principalmente no debate as contribuições da sua análise.

A pergunta reverbera e é pertinente até hoje. Em maio de 2023, em reunião no Ministério de Educação com a participação do Grupo de Trabalho de Alfabetização, leitura e escrita da ANPED e da Associação Brasileira de Alfabetização/ABALF, um dos temas centrais de discussão dizia respeito ao “*que se entende por uma pessoa alfabetizada (...), definição que antecede o debate em torno da avaliação.*” (CORSINO, 2023)².

Mas a pergunta pode ter outro alcance e podem ser atribuídos a ela outros sentidos, a depender do lugar de quem a faz e das condições produzidas para que seja respondida na prática. É uma pergunta que preciso me fazer - e responder – seja na docência, e diante de cada turma, semestre após semestre, ano após ano; seja na pesquisa, em cada projeto formulado e a cada trabalho de campo iniciado; seja na formulação de políticas de alfabetização ou na gestão de escolas ou de equipamentos culturais. Eu me situo e atuo em busca de quê? A serviço de quê?

² <https://www.anped.org.br/news/anped-participa-de-reuniao-no-mec-nesta-quarta-e-quinta-para-debater-politicas-de-alfabetizacao> acesso em 20/07/2023.

AFETO. O QUE NOS AFETA. LEMBRANÇAS. MEMÓRIA E VIDA.

Difícil terminar esse texto sobre Magda sem falar de “Metamemória - memórias. Travessia de uma educadora” (SOARES, 1991). Escrito como memorial que atendia ao requisito de concurso para titular na Universidade Federal de Minas Gerais, na Travessia, a qualidade dos seus textos - solidez da pesquisa, sensatez da prática, rigor da escrita e simplicidade da poesia - se fazem livro e, nele, linguagem, escola e história se mostram indissociáveis. Magda solta a voz nas estradas; como Milton Nascimento e Fernando Brant, já não queremos parar. Seria a busca incessante pelo conhecimento da alfabetização (SOARES, 1989; 1990) - pesquisa em curso, sempre se renovando, que acompanha o avanço da área, seu movimento, seu dinamismo, e concretiza o inacabamento e a provisoriedade do conhecimento - uma versão acadêmica desse não querer ou não poder parar?

“Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas” (SOARES, 1995) e “Instâncias de produção e instâncias de socialização do conhecimento: a pesquisa nos cursos de pós-graduação em educação e os trabalhos e comunicações apresentados nos GTs da ANPED” (1997), dois dos trabalhos apresentados na ANPED, parecem caminhar também nessa direção: a da busca que não abre mão de expansão e aprofundamento. Tal como “Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento” (SOARES, 1989), estes trabalhos ensinam o tema que desenvolvem, e ensinam também a fazer pesquisa e, de modo primoroso, demonstram o valor da revisão bibliográfica e do estudo teórico intenso como condição da pesquisa, iniciando-nos no delicado e difícil universo dos estados da arte.

As contribuições à alfabetização, campo de tantas facetas, expressam em uma escrita simples e rigorosa, seus pontos de vista comprometidos com as políticas públicas, assentados sobre problemas da prática ou desafiados por ela, sempre orientados por teoria consistente, fundamentada em resultados de pesquisa, e que se expressa com inquietação, teimosia, em busca de... E que sempre levantavam ou propunham perguntas instigantes.

Ouso dizer que, de certa maneira, a alfabetização ganhou respeitabilidade na área da educação e fora dela graças à Magda. E nós, que temos acesso a essa produção, podemos aprender que o diálogo franco, respeitoso e vivo entre pesquisadores de enfoques teóricos e tendências diversas não só é possível e necessário, mas também que é constitutivo do fazer científico. Além das pesquisas, dos livros, artigos e relatórios, do trabalho na ANPED, nos comitês científicos da CAPES e do CNPQ, junto ao Programa Nacional do Livro Didático/PNLD ou do Programa Nacional Biblioteca da Escola/PNBE, do trabalho realizado na gestão da pós-graduação e na criação do Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita/CEALE, além dos livros didáticos que escreveu, cabe mencionar alguns ensinamentos que foi distribuindo, como interstícios, entrelinhas, pontos e riscos de bordado...

Lembro-me de vários momentos em que assisti mesas, debates, no grupo de trabalho da ANPED e de outros encontros regionais ou nacionais, assistindo suas conferências ou em bancas, e de algumas lições fortes que recebi, ao lado do intenso aprendizado teórico.

Certa vez, ouvi de Magda, em uma mesa na Universidade Federal de Minas Gerais, em Belo Horizonte, que para quem gostava de estudar, era uma felicidade trabalhar na universidade e poder passar os dias lendo e escrevendo, neste país onde tantos sequer estão alfabetizados ou se o foram, sequer são leitores experientes. Mais, sem abrir mão da crítica às condições de trabalho da universidade brasileira, Magda chamava atenção para o fato de que é mesmo um privilégio poder trabalhar na universidade, receber um salário para estudar e aprender, neste Brasil de tanta miséria, onde escola de qualidade não é ainda de todos.

De outra feita, numa atividade com professoras normalistas num subúrbio do Rio de Janeiro, atividade promovida pelo Sindicato de Professores, num sábado de manhã, Magda revelou de forma clara, como nela a pesquisadora se encontrava com a educadora e a professora que, sem recusar-se jamais à complexidade do conhecimento, sabia falar simples, argumentar em contrário, criticar com respeito, expressar bom humor, ter os pés no chão.

Lembro ainda de uma observação feita por Magda sobre projetos de pesquisa onde as perguntas formuladas não ajudam a investigação, até mesmo atrapalham, da mesma maneira que como títulos de artigos, teses ou dissertações pouco precisos porque numa revisão bibliográfica confundem ou distraem quem lê ou pesquisa, não permitindo nem favorecendo saber com clareza de que trata o texto. Críticas como essas faziam muitos vestir a carapuça, reconhecendo que é preciso sempre aprender a ouvir e a considerar o outro e sua leitura.

Em muitos encontros, pude aprender sobretudo com a sua imensa capacidade de escuta. Ouvia pesquisadores iniciantes ou experientes, ouvia pontos de vista que convergiam ou eram opostos aos seus, sempre com uma simplicidade que merece ser louvada neste país, nesta área e nesta conjuntura onde reinam a empáfia, a presunção e o nariz empinado.

Em outra esfera, como professora em faculdades de educação, trabalhei durante décadas com alguns de seus textos que, reunidos, configuram uma verdadeira metodologia de ensino do ensino. Ou seja, indicam o caminho a seguir, fornecem exemplos teórico-práticos que como um tesouro não só orientaram a minha atuação docente na formação, como mantêm essa potência e continuam até hoje orientando professoras e professores a ensinarem crianças a escrever.

Dentre essas inúmeras pérolas espalhadas por Magda, “Aprender a escrever, ensinar a escrever” (SOARES, 1999) me acompanhou por muito tempo. Texto que ensina a ensinar, um dos temas centrais para a concreta democratização da leitura e escrita, a ação política da autora é materializada também nesse trabalho. E assim poderíamos seguir, contando histórias de cada texto, trazendo contextos, analisando questões e destacando possibilidades de colaboração.

Mas já é hora de concluir. Para tanto, é preciso agradecer à Magda pela magnitude da sua obra. Obra que ecoa na sua inteireza e em cada parte. Reverbera na investigação, na formação, na gestão, na política e nas práticas. E, como a própria Magda escreveu na Travessia, ao relatar sua trajetória: “parece que a experiência passada que aí vai contada não me pertence – convenceram-me de que os dias não são seus, são nossos, e que não só aprendi, mas outros poderão aprender deles e com eles.” (SOARES, 1981, p. 16).

Isso mesmo, Magda, seus dias são nossos, e com eles aprendemos e continuamos a aprender. A escola que você criou, consolidou e deixou para nós continua a nos ensinar. Obrigada por tanto.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992, 415p.

GRAMSCI, Antonio. *Os intelectuais e a organização da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968, 244p.

KRAMER, Sonia. Educação básica e a busca de qualidade: uma tentativa de síntese. In: SOARES, Magda; KRAMER, Sonia; LUDKE, Menga e outros. *Escola Básica, Coletânea CBE/Conferência Brasileira de Educação*. Campinas: Papirus, 1992, p. 71-76.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de Oliveira. Rediscutindo a natureza do ensino. In: SOARES, Magda; KRAMER, Sonia; LUDKE, Menga e outros. *Escola Básica, Coletânea CBE/Conferência Brasileira de Educação*. Campinas: Papirus, 1992, p. 63-69.

SMOLKA, Ana Luiza. Cognição, linguagem e trabalho na escola. In: SOARES, Magda; KRAMER, Sonia; LUDKE, Menga e outros. *Escola Básica, Coletânea CBE/Conferência Brasileira de Educação*. Campinas: Papirus, 1992, p. 55-62.

SOARES, Magda. *Linguagem e Escola: uma perspectiva social*. Ática: São Paulo, 1985a, 95p.

SOARES, Magda. *Pesquisas sobre alfabetização: a produção brasileira nas últimas décadas*. Educação em Revista, Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, p. 71-72, 1985b.

SOARES, Magda. Alfabetização em busca de um método?, Educação em Revista, Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, p. 44-50, 1985c.

SOARES, Magda. As muitas facetas da alfabetização. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, v.52, p.19-24, 1985d.

SOARES, Magda. As condições sociais da leitura: uma reflexão em contraponto. In: ZILBERMAN, Regina e SILVA, Ezequiel Theodoro. *Leitura: perspectivas interdisciplinares*. Ática: São Paulo, 1988, p.18-37.

SOARES, Magda. Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento. Brasília: REDUC/INEP, 1989, 155p.

SOARES, Magda. A pesquisa sobre alfabetização no Brasil. Revista de Educação AEC, Brasília, v.19, n. 76, p.12-21, jul/set 1990.

SOARES, Magda. Metamemória – Memórias: travessia de uma educadora. São Paulo: Cortez Editora: 1991, 124p.

SOARES, Magda. Em busca da qualidade em alfabetização: em busca ... de quê? In: SOARES, Magda; KRAMER, Sonia; LUDKE, Menga et al. *Escola básica*. São Paulo: Anais da 6a. CBE, 1992.p.45- 53.

SOARES, Magda. Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas. Revista Brasileira de Educação, n. 00, p. 5-16, set/out/nov, 1995. Disponível em Língua escrita, sociedade e cultura: relações, dimensões e perspectivas (fcc.org.br). Acesso em: 21 de jul. 2023.

SOARES, Magda. Instâncias de produção e instâncias de socialização do conhecimento: a pesquisa nos cursos de pós-graduação em educação e os trabalhos e comunicações apresentados nos GTs da ANPED". Trabalho encomendado apresentado na XX Reunião Anual da ANPED, Caxambu, 1997.

SOARES, Magda. Aprender a escrever, ensinar a escrever. In: ZACCUR, Edwiges (org.). *A magia da linguagem*. Rio de Janeiro: DP&A Ed. 1999, p. 49-73.

SOARES, Magda. Em busca da qualidade em alfabetização em busca... de quê? In: *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto, 2008, p. 47-54.

Recebido em: 10/07/2023

Aceito em: 09/08/2023